

Poemas de Desamor



José Neres

José Neres

POEMAS DE DESAMOR

Edição digitalizada para internet - 2010

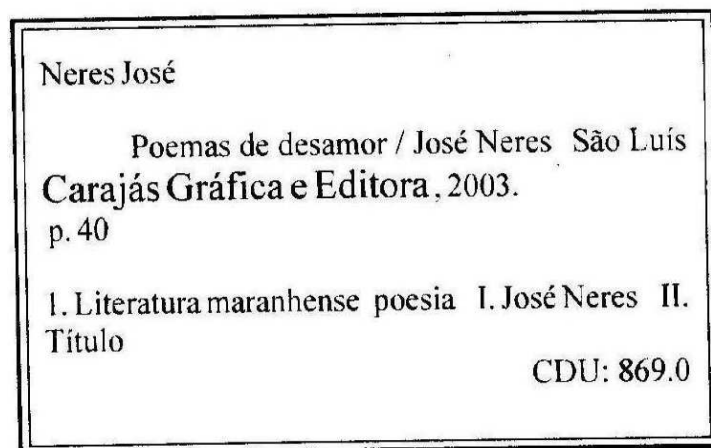
São Luís 2003

© 2003 by José Neres
joseneres@globocom.com

qualquer parte deste livro digitalizado pode ser reproduzida e distribuída gratuitamente, desde que sejam citados respeitando-se o autor e seus direitos autorais

Criação de Capa
José Neres

Impressão, encadernação e acabamento
Carajás Gráfica e Editora



À Lindalva, Gabriel e Laura, com o carinho que dispensa palavras e que faz o silêncio parecer sinfonia...

Aos amigos Nonato Marreiros e Dino Cavalcante, pessoas sempre predispostas a uma conversa sobre qualquer assunto...

A todos os meus alunos (do presente, do passado e do futuro)...

A todos os que um dia leram algumas palavras minhas...

A todos os meus colegas de luta diária em prol da educação....

e... especialmente

À professora Ana Vera Santos Pereira, pelo incentivo e pelas palavras de apoio

EL JUEGO QUE ANDAMOS

*Si me dieran a elegir, yo elegiría
esta salud de saber que estamos muy enfermos.
esta dicha de andar tan infelices.*

*Si me dieran a elegir, yo elegiría
esta inocencia de no ser tan inocente,
esta pureza en que ando tan impuro.*

*Si me dieran a elegir, yo elegiría
este amor con que odio
esta esperanza que come panes desesperados.*

*Aquí pasa, señores,
que me juego a la muerte.*

(Juan Gelman – poeta argentino)

BREVES PALAVRAS



pós a publicação, em 1999, de *Negra Rosa e Outros Poemas*, tive a certeza de que minha luta com a prática poética havia chegado ao fim. Nada mais tinha para publicar em livro individual. Passei então aos artigos e aos ensaios de cunho literário. Como não fui (nem serei) poeta, ninguém sentiria falta de meus poucos versos.

Eis que, quando decido desistir definitivamente das lides poéticas, a professora Ana Vera Pereira, juntamente com alguns alunos da Faculdade Atenas Maranhense, um dos meus locais de trabalho, decidem fazer uma montagem de um de meus poemas – *A um menino de rua*. A encenação foi perfeita! O sucesso foi total! Vieram então as cobranças. Muitos quiseram conhecer um pouco mais de minha pobre produção artística. Muitos quiseram saber se havia mais alguma coisa amostrar no campo da poesia. Sinceramente acredito que não. Mas mesmo assim resolvi arriscar.

Então, a pedido de poucas, mas importantes pessoas, resolvi publicar este opúsculo, que não entrará no selvagem circuito comercial, circulará apenas entre amigos. Uma espécie de edição comemorativa sem motivo especial.

Os poemas aqui publicados não trazem uma unidade temática. São peças soltas, sem qualquer compromisso com teorias ou vertentes literárias. Como serão lidos por amigos, acredito na compreensão destes com relação à apoeiticidade de alguns versos. Quanto à decisão de publicar alguns versos em espanhol, trata-se de uma resposta a diversos pedidos de amantes da língua de Cervantes, a que eu, humildemente, tento corresponder.

No final, apresento algumas palavras escritas sobre mim ou meus livros. São depoimentos de pessoas que me leram e, por uma razão ou por outra, decidiram externar suas impressões através de palavras escritas. Nem todos eu conheço pessoalmente, mas mesmo assim agradeço as palavras amigas e me permito publicá-las à guisa de posfácio.

José Neres

São Luís, 24 de dezembro de 2002.

POEMAS EM PORTUGUÊS

POÉTICA

Poderia encher a página de palavrões
Poderia cortar pala
vras ao meio
poderia juntar palavras em vão
poderia abusar dos símbolos místicos
poderia sacrificar versos em nome da liberdade
poderia criar inusitadas metáforas
poderia...
poderia...
poderia...

mas nada disso faria de mim
um poeta

mas nada disso traria a mim
a essência vital
da poesia

POÉTICA II

Não
Não quero falar do passado
Desejo apenas o presente ...
Quero falar do presente.
Do presente da criança sem presente
Do presente da mulher sem futuro
Do presente do homem sem passado
Do presente do homem sem perspectiva
De presente

A MORDAÇA

À mesma boca que grita
- Nunca fiz
é vetado sussurrar
- Nunca farei

SONETO DO AMOR EGOÍSTA

Não. Eu não divido o amor que sinto.
Ele sai de mim e para mim volta,
Num sansara que não prende nem solta
As amarras do meu viver absinto.

Errante, nunca precisei de escolta,
Nem de quem enxugasse meus lamentos
Nem de quem pensasse meus ferimentos,
Filhos de doce e secreta revolta.

Bebi todo o meu amor até o fim
Não vendo gota qualquer derramar
Entre os breves limites do meu sim.

No final, quando nada mais restar,
Buscarei uns restos de amor por mim
Onde nunca saberei encontrar.

SONETO VAZIO

Na dura angústia em que me encontro
Todo cheio de um vazio imenso
Luto só por um pouco do nada
Para tentar continuar vivendo.

Minha mão procura um toque amigo
Só espinhos no caminho encontra
A língua pelo doce mel chora
E o que tem? Nada. Nem mesmo fel

Ainda bem longe do fim do meu
Triste e seco caminho terreno
À eterna inanição vivo atado

Já estou a devorar migalhas
Atiradas ao limo e à lama
Desde meu próprio ínfimo ser.

POEMA DE FARINHA

(Para Antônio Ailton)

E o poeta chega
ao intelectoantro

em sua pasta,
originais, livros,
lápiz, papel,
farinha e pão

- Este pão alimentará meu corpo
E desta farinha tirarei um poema
Esta farinha virará um poema

- Ou um bolo
ou qualquer coisa que
alimente o corpo do poeta
faminto de pão, farinha,
arroz, feijão, versos e
liberdade

HAI-CAI

Que falta de sorte!
Tanto questioneei a Vida
Que esqueci da Morte.

O ESPELHO

Para Gabriel e Laura

Vejo o tempo passar
No rosto de meus filhos

Meu espelho mente para
Mim escondendo as
Rugas que não quero
Ver

Que faço questão
De não ver

Só para os outros passa
O tempo
Para mim ficam as flores
E o vento

SINAL FECHADO

Amarelo...

Sinal fechado
Dedos estirados
Buscam migalhas

Sinal fechado
Mão aberta
Coração fechado

Sinal fechado
Para o carro
Sinal fechado
Para o homem

Verde
Sinal aberto
Para o carro
Para o homem
Sinal fechado

DAS LÁGRIMAS

(Para Lindalva)

As lágrimas aliviam a alma
Sêneca tinha razão.
Mas não as que ensopam os olhos,
Mas sim as que saem do coração.

DESAMAR-SE

I

E o amor bateu à porta
Pedindo para entrar
Seduzido pelas narinas
Pelo sangue e pelo olhar

Esperou que cada abraço
Que cada seco murro
Por encanto se transformassem
Em doce e suave sussurro

Mas isso não aconteceu...

E as folhas do calendário caíram
Uma a uma no chão
E em cada queda nascia a vontade
De aprender a dizer não.

Mas isso nunca acontecia...

As dores o corpo marcavam
Com o chicote da desrazão
E cada lágrima derramada
Ia dos olhos ao seco coração

II

E o amor bateu a porta
Para nunca mais voltar
Repelido pelas narinas
Pela idade e pelo olhar

Sabia que cada abraço dado
Jamais ao dono retornaria
E que de falta de amor próprio
Breve, muito breve morreria.

E isso aconteceu...

Aconteceu num dia qualquer
Em qualquer hora e lugar
A morte de alguém que tanto amou
Mas que nunca se soube amar

E por não se saber amar
Não plantou no chão saudade
Passou... e deixou no mundo apenas
Um espaço, um vazio, um lugar.

DECLARAÇÃO DE ISENTO

O que você pensa
de mim
pouco me
importa

sou um ser
perfeito
filho de
Deus
escrevo torto
por linha
torta

DESPEDIDA

Perto da aurora
O sol chora
Perto da aurora
Lua cora
Perto da aurora
Vou embora

POEMAS EN ESPAÑOL

POÉTICA

Poderia encher a página de palavras
Poderia cortar pala
vras ao meio
poderia juntar palavras em vão
poderia abusar dos símbolos místicos
poderia sacrificar versos em nome da liberdade
poderia criar inusitadas metáforas
poderia...
poderia...
poderia...

mas nada disso faria de mim
um poeta

mas nada disso traria a mim
a essência vital
da poesia

POÉTICA II

No
No quiero hablar del pasado
Deseo solamente el presente...
Quiero hablar del presente.
Del presente de niños sin presente
del presente de mujeres sin futuro
del presente de hombres sin pasado
del presente de hombres sin perspectiva
de presente.

MORDAZA

A la misma boca que grita:
- Nunca lo hice
Es prohibido murmurar:
- Nunca lo haré.

POEMA DE HARINA

(Para Antônio Aílton)

Y llega el poeta
al intelectoantro.

En su carpeta,
originales, libros,
lápices, papel,
harina y pan.

- Este pan alimentará mi cuerpo
y de esta harina haré un
poema
esta harina será un
poema.

- O un pastel
o cosa cualquiera que
alimente el cuerpo
y el alma del
poeta
hambriento de pan, harina
arroz, judía, versos y
Libertad.

EL ESPEJO

(Para Gabriel y Laura)

Veo el tiempo que pasa
por el rostro de mis hijos.

Mi espejo mente para
mí escondiendo las
arrugas que no quiero
ver.

Que hago cuestión
de no ver.

Solo para los otros pasa
el tiempo.

Para mí restan las flores
El rocío y el viento.

SOBRE LAS LÁGRIMAS (Para Lindalva)

Las lágrimas desahogan el alma
Tenía Séneca razón.
Mas no las vienen de los ojos,
Sino las que salen del corazón.

LAS MANOS

(A las víctimas de la dictadura)

Señor,
mis manos están limpias
Ay Señor,
¡Cómo están
limpias mis manos!

Mis manos están limpias
de la sangre de aquellos
que mataron a mis hermanos

Mis manos están limpias
de la sangre del hombre
que aquí sembró el hambre

Mis manos están limpias
de la sangre de mi propio rostro
y de mi propia lucha

Señor,
¡Cómo siento
sucias mis manos!

Ay Señor,
¡Cómo mis manos está sucias!
Están sucias
Están sucias

Mis manos están sucias
de la cobardía
de la flojera

Mis manos están sucias
de mi propia vida
de mi propia
inútil vida

Mis manos están inmundas
de la limpieza de mi
(in)consciencia
política

EL ÚLTIMO HOMBRE

Soy el último hombre sobre la Tierra
Estoy solo ante mi propio pasado
Y a la espera de un futuro
Que, sé, no vendrá jamás.

He perdido todo:
Amores, vanidad, riqueza, vida,
ESPERANZA...
Hasta la esperanza he perdido
¿Qué tengo más?
Sólo una angustia cruel
De saberme uno y oni
De tener todo el mundo
Y no querer nada
Sólo a angustia cruel
De saberme inmortal
Y lleno de cadáveres alrededor
Pero ¿la culpa es mía?
¿Es mía la culpa
De ganar la vida con otras muertes?
¿Es mía la culpa
De luchar para vivir?
¿Es mía la culpa
De trabajar aquí?
¿Es mía la culpa
De no tener
MADRE
PADRE
HIJOS
AMIGOS
HERMANOS?

No. ¡Definitivamente, no!

No es mía la culpa.
Fui tan sólo
Un instrumento del dolor ajeno
Un instrumento de los males
De un mundo enfermo
De una sociedad
Llena de suciedad...

Para vivir, maté
Me mandaron
Apreté
El pequeñito
Botón
Que hizo de mí
El último hombre del mundo
El último hombre del mundo
El
último
hombre
del

o d n u m

ALGUMAS PALAVRAS...

Você é um hábil poeta e senhor de vários recursos. No seu longo poema *Negra Rosa*, você como se despoja de todos os seus recursos e arsenal para, com beleza e simplicidade, narrar uma estória de denso conteúdo e emoção, fazendo uma espécie de romanceiro, logo você que é um intelectual erudito, conhecedor de todas as manhas e artimanhas da poética. (ELMAR CARVALHO – poeta piauiense, autor de *Rosa dos Ventos Gerais*)

Sei que a poesia nos habita e incendeia. Seja bem-vindo, meu novo amigo e irmão de causa! “De costas para a Vida” (poema do livro *Negra Rosa...*) fazendo eco em mim, mergulho (pro)fundamente de corpo e alma (mais alma) nas emoções poéticas. (LARI FRANCESCETTO – poeta gaúcho)

Os Epigramas de Artur deveriam ser indicados como leitura obrigatória em escolas do Ensino Médio, ou mesmo do Ensino Superior, dada a riqueza envolvida não só no âmbito literário, mas como facilitadora de um entendimento dos fatos. (CÉSAR WILLIAM – poeta maranhense, em *O Imparcial*, 23 de janeiro de 2001)

José Neres, muito apropriado seu artigo acerca de Sousândrade. Além do empenho da Academia Maranhense de Letras em prestar-lhe uma homenagem à altura de sua grandeza, ainda que muito tímida, nenhum outro esforço por parte das “autoridades” em zelar por quem deu magnitude à cultura maranhense. Será que sua obra terá que esperar por mais cinqüenta anos para que lhe dêem uma reedição merecida e possa, no mínimo ser lida pelas novas gerações? (JOSÉ APARECIDO – professor de literatura, por e-mail)

Não consigo escrever com a mesma competência com que faz o ilustre professor Neres; e o parabenizo por essa competência e a abordagem simples, porém precisa do tema. (JURIVÊ MACEDO – jornalista maranhense, comentando o artigo “Leitor, leitura e escola”, O Estado do Maranhão, 28 de outubro de 2001)

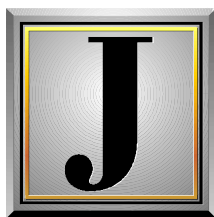
Gostei do teu trabalho sobre Humberto de Campos. Acho que deves aproveitar a disposição e continuar pesquisando esse autor desprestigiado. (LOURIVAL SEREJO – escritor maranhense, autor de “No alto da Matriz”, por e-mail)

Fique extremamente feliz com sua preciosa leitura do meu livro CIDADE ÍNTIMA, suas palavras são tocantes e, por isso mesmo, muito me emocionaram. Agradeço-lhe de coração por este seu gesto poético

e fraterno. Creia-me, a sua apreciação será guardada com imenso carinho, pela sua acuidade crítica e pela esmerada sensibilidade poética que, aos poucos, vou conferindo na leitura de seus próprios poemas. (LEONTINO FILHO – poeta potiguar, por e-mail)

O livro marca uma ligeira volta ao sebastianismo com o poema Negra Rosa, que dá título ao volume, apresentando um jogo de palavras e rimas que dão à poesia dimensão e profundidade inusitadas. (MARCO POLO HAICKEL – escritor maranhense, Jornal Pequeno, 07 de julho de 1999)

... SOBRE O AUTOR¹



José Neres, o autor deste pequeno livro, é maranhense e nasceu no dia 17 de fevereiro de 1970. Logo nos primeiros anos de sua vida, mudou-se com a família para o Distrito Federal e, pouco depois, para o estado de Goiás. Voltou para sua terra na segunda metade da década de 80, mais precisamente em 1986. Estudou Letras na Universidade Federal do Maranhão, com habilitação em Português e Espanhol e pós-graduação na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Em 1998, começou a colaborar em jornais e revistas do Maranhão e de outros estados, tendo atualmente cerca de meia centena de artigos publicados em diversos órgãos da imprensa nacional. Publicou também os seguintes livros: *Negra Rosa e Outros Poemas* (1999, edição esgotada), *Os Epigramas de Artur e O Discurso e as Idéias* (2000/2002, ambos em colaboração com o grande amigo Dino Cavalcante), e *A Mulher de Potifar* (2002).

Ingressou na docência no ano de 1991, no Colégio Brasil. Trabalhou também no Colégio José Maria do Amaral, no Meng, no Núcleo de Cultura Linguística e na Universidade Federal do Maranhão.

¹ De 2003 para a data desta edição digitalizada, houve algumas mudanças na minha biografia, mas decidi manter o texto tal e qual está no original do livro.

Atualmente leciona no Centro Educacional Montessoriano "Reino Infantil" (desde 1995), na Faculdade Atenas Maranhense - FAMA, (desde 2001) e no Curso Método Vestibulares (desde 1998).

Casou-se em 1996 com a também professora Lindalva Barros, com quem tem dois filhos, Gabriel Barros Neres (04.11.1997) e Laura Barros Neres (22.04.1999).

Tem como grande passatempo a leitura. É aficionado por livros, mas também gosta muito de assistir a filmes. Apresenta certa preferência pela obra de Augusto dos Anjos, Álvares de Azevedo, José Chagas e Ferreira Gullar (na poesia); Coelho Neto, Rubem Fonseca, Fernando Sabino, Josué Montello e João Ubaldo Ribeiro (na prosa); Dias Gomes, Artur Azevedo, João Mohana e Millôr Fernandes (no teatro). Entre os clássicos universais, não dispensa uma leitura de Shakespeare, Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Tolstói, Dostoievski, Neruda, Sófocles, Hemingway, Machado de Assis e Sartre.